

O TRABALHO EDUCATIVO COM CRIANÇAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE RESPALDADA NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Giovana Hellenn Coelho Araujo

Resumo: Essa pesquisa busca relacionar a teoria histórico-cultural de Vygotsky com o trabalho educativo realizado com crianças no Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional garante atendimento adequado a todos os alunos, por isso é importante compreender como a teoria de Vygotsky se aplica na prática. A Psicologia Histórico-Cultural defende a importância do ambiente sociocultural no desenvolvimento humano, e, portanto, propõe que o trabalho educativo com crianças com TEA deve ser focado na criação de um ambiente inclusivo e rico em estímulos, em que a criança possa interagir com outras crianças e adultos, ao desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas. Desse modo, sustentamos, ao longo da pesquisa, a ideia de que a linguagem e a comunicação são meios pelos quais os indivíduos se relacionam nos grupos sociais, e que a mediação e capacitação do docente é fundamental para o desenvolvimento do aluno com TEA.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural. Transtorno do Espectro Autista. Educação Infantil.

Abstract: This study aims to relate Vygotsky's historical-cultural theory to educational work with children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in Early Childhood Education. The National Education Guidelines and Framework Law guarantees adequate care for all students, so it is important to understand how Vygotsky's theory applies in practice. Historical-Cultural Psychology emphasizes the importance of the sociocultural environment in human development, and therefore proposes that educational work with children with ASD should focus on creating an inclusive and stimulating environment, where the child can interact with other children and adults while developing their social and cognitive skills. Throughout the study, we argue that language and communication are means by which individuals relate to each other in social groups, and that teacher mediation and training are fundamental to the development of students with ASD.

Keywords: Historical-cultural psychology. Autism Spectrum Disorder. Early Childhood Education.

1. Introdução

Analisar o processo de aprendizagem de crianças na Educação Infantil no que tange o Transtorno do Espectro Autista, doravante TEA, nos auxilia na construção do conhecimento educativo e teórico-pedagógico, uma vez que a originalidade do tema se dá pela sua concepção inodora e questionadora de um processo social que emerge gradativamente mais forte em nossa sociedade atual. De acordo com um artigo publicado por Fernanda Teixeira Ribeiro em 2023 no jornal da Universidade Estadual Paulista (UNESP), foi registrado, aproximadamente, um crescimento de 280%, no período de 2017 a 2021, de estudantes com TEA matriculados em escolas públicas e privadas do Brasil. Com base nisso, a presente pesquisa tem como intuito entender o processo de ensino e aprendizagem em relação às crianças que foram diagnosticadas com TEA, a partir dos fundamentos teóricos levantados por Lev Semenovitch Vygotsky, cuja teoria é conhecida como a teoria histórico-cultural. Essa teoria destaca a importância da interação social e cultural na formação do conhecimento e no desenvolvimento humano, enfatizando que a aprendizagem ocorre em um contexto social e é mediada por instrumentos culturais, como a linguagem e as ferramentas.

Ao discutir a teoria histórico-cultural de Vygotsky, podemos citar a afirmação de Leontiev (2004. p. 196) de que “A aquisição de conhecimentos torna-se um processo que provoca igualmente a formação na criança de ações interiores cognitivas, isto é, de ações e de operações intelectuais”. Isso destaca a importância da interação social e cultural no processo de aprendizagem. De acordo com Vygotsky (1991), o homem, enquanto ser social, tem a sua atividade vinculada com a natureza, que, por sua vez, não é dada, mas produzida por meio do trabalho e adaptada conforme a sua necessidade. Isso implica que a cultura e a história são fundamentais para entendermos como os aspectos humanos e os comportamentos se concebem e se desenvolvem ao longo do tempo.

Um dos conceitos mais importantes da teoria de Vygotsky é a zona de desenvolvimento proximal, que se refere à distância entre o nível de desenvolvimento atual de um indivíduo e o nível que ele pode atingir com a ajuda de um tutor ou de um colega mais experiente. Como afirma Leontiev et al. (2015), o suporte social e o ensino direcionado são fundamentais para ajudar a estimular o desenvolvimento individual. Além disso, Vygotsky destaca a importância da

linguagem e da cultura na construção do conhecimento e da consciência. Como afirma o autor, a escola é um espaço em que o ser humano desenvolve o seu intelecto e se apropria da cultura:

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1999. p. 117-118).

Isso nos dá uma perspectiva rica e profunda sobre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento humano, além da sua compreensão ser fundamental para profissionais envolvidos em educação e em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento humano. Assim, por meio dessa pesquisa, destacamos o progressivo interesse da comunidade e dos pesquisadores em estudar a relação do ensino e aprendizagem, baseados na psicologia histórico-cultural, com as crianças diagnosticadas com TEA, ao focarmos no seu desenvolvimento nos anos iniciais.

Apesar de haver uma variedade de pesquisas relacionadas a essa psicologia, torna-se relevante delimitá-la, de modo a expandir os conhecimentos em relação a sua funcionalidade em determinado grupo ou categoria. Nesse caso, delimitamo-la ao Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. A partir dessas reflexões, buscaremos responder em nossa pesquisa como a psicologia histórico-cultural entende a relação do trabalho educativo com essas crianças, de modo a compreendermos como a teoria vygotskiana se apropria e se correlaciona ao mundo prático e real de nossa sociedade.

Assim sendo, configuramos a análise em três pontos principais: a investigação sobre a psicologia histórico cultural e os seus principais aspectos; a releitura histórica acerca do Transtorno do Espectro Autista e a análise do trabalho educativo com o desenvolvimento do psiquismo nas Educação Infantil inclusiva.

2. Desenvolvimento

De acordo com a 5ª edição do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), “o autismo é caracterizado por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, além de dificuldades na comunicação e interação social”. É importante entender as características do autismo para desenvolver estratégias de ensino que possam ser efetivas para essas crianças. Como postula Orrú (2019, p. 57): “é apetecível que a comunidade escolar abra sua mente para conhecer seu aprendiz, a criança, adolescente, jovem que é acompanhada pelo autismo e suas particularidades””

É importante compreender o conceito de ensino organizado por meio da experiência de papéis sociais na Educação Infantil, a fim de analisar as implicações no desenvolvimento psíquico das crianças. Além disso, é necessário orientar o trabalho educativo para o desenvolvimento do psiquismo na educação inclusiva, considerando o desenvolvimento do psiquismo das crianças nessa fase. A lei nº 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional art. 59, assegura que todas as escolas devem garantir aos seus alunos com deficiência um atendimento adequado, ao fornecer recursos educativos, professores especializados e um ambiente de acolhimento. Para que isso ocorra, a instituição de ensino deve acolher os alunos independente de suas condições, adequar-se às necessidades requeridas e auxiliar com a participação da família nesse processo. A Educação Infantil tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança de até seis anos, ao abranger os aspectos psicológicos, físicos, sociais e intelectuais. Assim, destaca-se a necessidade do trabalho educativo do docente em relação a essas crianças, a fim de proporcionar um melhor desenvolvimento, ao facilitar os seus convívios sociais.

Desse modo, sustentamos esse estudo na ideia de que os indivíduos concebem meios para se relacionar nos grupos sociais, ocasionados por intermédio da linguagem e da comunicação, de modo que o aluno com Transtorno do Espectro Autista consiga, por meio da mediação do docente, desenvolver a autonomia, a independência, a comunicação não verbal simbólica e os aspectos sociais, como a imitação, a aprendizagem da “espera”, entre outros.

2.1 A ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO

A condição histórico-social do desenvolvimento humano baseia-se em um processo de apropriação da cultura mediante a interação do homem com o meio sociocultural em que está inserido, da mesma forma que o homem modifica o seu meio para receber suas necessidades básicas. A teoria histórico-cultural de Vigotski (1978) explica como os aspectos humanos e os comportamentos se concebem ao longo da história e como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo. Compreender essa teoria nos permite uma noção única e profunda sobre o processo de aprendizagem humana. De acordo com Leontiev (1981), é por meio da influência do ambiente sociocultural e pelas atividades práticas culturais, no qual o indivíduo está inserido, que se caracteriza o desenvolvimento humano. Essa teoria complementa a abordagem histórico-cultural de Vygotsky, ao considerar a importância das atividades culturais na formação e desenvolvimento dos aspectos humanos.

A cultura se caracteriza como parte constitutiva da natureza humana, já que suas particularidades se dão por intermédio da internalização dos modos historicamente determinados. Apesar de fazer parte da natureza, o homem se diferencia dela na medida em que é capaz de transformá-la conscientemente segundo as suas necessidades. É através dessa interação, que provoca transformações recíprocas, que o homem se torna homem (REGO 1995).

Vygotsky (1930), em sua pesquisa, comparou o comportamento do psiquismo dos animais com o dos seres humanos, ao buscar evidenciar as diferenças e as semelhanças entre eles. Segundo o filósofo, o comportamento humano é determinado por necessidades individuais, independentemente de fatores biológicos e é capaz de lidar com conceitos abstratos, graças ao conhecimento racional que possui. O que se distingue dos animais, cujo comportamento está sempre vinculado a causas biológicas e se limita ao conhecimento sensorial. Outra característica importante que diferencia o comportamento humano do animal, como destaca Vygotsky (1930) é que uma atividade consciente do ser humano é influenciada por três fontes: as definições hereditárias, a experiência individual e a assimilação das experiências acumuladas por toda a humanidade. Isso significa que o ser humano

se torna um agente ativo na construção de seu contexto social, ao deixar de ser apenas um produto do meio em que vive.

As características do funcionamento psicológico tipicamente humano são construídas ao longo da vida do indivíduo através de um processo de interação do homem e seu meio físico e social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes (REGO, 1995. p. 41)

Esta abordagem destaca a importância da interação e do contexto na formação do conhecimento e das habilidades humanas. Como Vygotsky (1993) argumentou que o processo central do desenvolvimento humano é a mediação, que ocorre por intermédio de instrumentos, signos e relações sociais. Os instrumentos desempenham uma função mediadora na apresentação das possibilidades de intervenção na natureza e os sistemas de signos, como a linguagem, operam como ferramentas da atividade psicológica, ao permitir o controle e a expansão da capacidade de atenção, memória e observação de informações.

Além disso, Bruner (1990) aponta a importância da mediação no processo de aprendizagem, e sugere que o conhecimento é construído a partir da interação entre o indivíduo e o ambiente, por meio de processos de seleção, transformação e representação da informação. Nesse sentido, os instrumentos e sistemas de signos são essenciais para a mediação dessa interação e para a construção do conhecimento.

Vygotsky (1993) também destaca que a aprendizagem humana é um processo social e cultural, no qual os indivíduos constroem conhecimentos e habilidades por meio da interação com o ambiente e com outras pessoas. Assim, os instrumentos e sistemas de signos são essenciais para a mediação dessa interação e para a construção do conhecimento. Como mencionado por Rego (1995), a internalização dos signos culturais causa mudanças nos comportamentos humanos, uma vez que os sistemas simbólicos do comportamento como componentes mediadores na comunicação entre os indivíduos. A linguagem, por exemplo, é uma estrutura complexa de signos que desempenha um papel crucial na construção das características psicológicas humanas, ao permitir a abstração e generalização, lidar com objetos do mundo exterior e a comunicação entre as pessoas.

Desse modo, a transição das funções elementares, de origem biológica, para as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural, ocorre desde o nascimento da criança. É através da mediação do adulto que a criança consegue incorporar ativamente as habilidades construídas pela história social, como por exemplo aprender a andar, sentar, comer etc. Ou seja, é por meio de intervenções constantes do adulto que os processos psicológicos mais complexos se formam. Logo internalizados, os processos passam a ocorrer de forma autônoma pelo indivíduo, isto é, o que antes precisava ser mediado passa a ocorrer de forma voluntária e independente.

De acordo com Vygotsky (1993), as funções psicológicas superiores são desenvolvidas através da interação social e cultural e substituem as funções elementares biológicas desde o nascimento da criança. Para que isso facilite, é essencial a mediação do adulto, que possibilita à criança incorporar ativamente as habilidades construídas pela história social. Bruner (1990) complementa essa ideia ao afirmar que a aprendizagem é um processo ativo e construtivo, no qual a criança cria seu conhecimento com a ajuda do adulto. O papel do adulto é, portanto, fundamental na construção do desenvolvimento infantil, pois ele atua como mediador entre a criança e o mundo cultural e social.

Essa interação constante entre adulto e criança é crucial para que os processos psicológicos mais complexos se formem. Estes, uma vez internalizados, tornam-se autônomos e voluntários. Como ressalta Rego (1995, p. 79-80), "o aprendizado escolar exerce significativa influência no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, justamente na fase em que elas estão em amadurecimento".

No processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a aprendizagem desempenha um papel primordial na mediação com o indivíduo com o mundo, ofertando instrumentos, símbolos e mecanismos psicológicos para isso. Como destacado por Rego (2001), o aprendizado é fundamental para o desenvolvimento pleno do ser humano, que se dá a partir da interação com outros indivíduos de sua espécie em um grupo cultural específico.

Leontiev, outro importante teórico da psicologia histórico-cultural, também destaca a importância da mediação na aprendizagem e no desenvolvimento humano. Ele enfatiza a necessidade de uma mediação adequada para que provoque a apropriação das ferramentas culturais e a formação das funções psicológicas

superiores. Segundo Leontiev (1978), o desenvolvimento humano é um processo contínuo que se dá pela interação do indivíduo com o meio ambiente, sendo que a mediação dos processos culturais é um fator crucial nesse processo. Assim como Vygotsky, ele também destaca a importância da zona de desenvolvimento proximal para o aprendizado e o desenvolvimento humano.

De acordo com Rego (1996), uma perspectiva de Vygotsky sobre a importância do suporte social no desenvolvimento cognitivo é fundamental, uma vez que é por meio da interação com outras pessoas que a criança é capaz de adquirir novos conhecimentos e habilidades. Nesse sentido, a zona de desenvolvimento proximal, conforme definido por Vygotsky (1993), representa um espaço crucial para a aprendizagem, uma vez que ela envolve o que uma criança ainda não pode fazer sozinha, mas que pode ser alcançada com a ajuda adequada.

Além disso, Rego (1996) destaca que Vygotsky identifica dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real ou efetivo, que corresponde às habilidades que uma criança já domina e é capaz de realizar com autonomia, e o nível de desenvolvimento potencial, que se baseia nas habilidades que uma criança é capaz de realizar, mas que exige atendimento de um outro indivíduo para serem executados corretamente. Nesse sentido, a interação social se torna crucial para que a criança possa desenvolver todo o seu potencial, pois é por meio dessa interação que ela pode receber o suporte adequado para superar os desafios que se encontram na zona de desenvolvimento proximal.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1999, p. 117-118)

Segundo Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre por meio da internalização de conhecimentos e hábitos culturais, que são transmitidos pela interação social e pela cultura em que o indivíduo está inserido. Bruner (1990) concorda com essa perspectiva, ao afirmar que a cultura é o meio pelo qual a mente

se desenvolve, e que o aprendizado e a construção de conhecimentos dependem da interação social e da mediação cultural.

Nesse sentido, a mediação é um conceito central na teoria de Vygotsky, que destaca a importância dos instrumentos simbólicos, como a linguagem, na mediação do desenvolvimento. De acordo com Bruner (1990), a linguagem é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cognitivo, pois permite que o indivíduo interaja com o ambiente, compreenda o mundo ao seu redor e construa novos conhecimentos.

A zona de desenvolvimento proximal também é um conceito importante na teoria de Vygotsky, que define como a distância entre o nível de desenvolvimento atual da criança e seu potencial de desenvolvimento com o auxílio de outra pessoa mais experiente. Para Bruner (1990), a zona de desenvolvimento proximal representa uma oportunidade para a aprendizagem e o desenvolvimento, uma vez que permite que a criança seja desafiada a realizar atividades mais complexas com a ajuda do adulto, que age como um "tutor" no processo de aprendizagem.

Assim, de acordo com Vygotsky, a primeira infância é uma fase crucial do desenvolvimento, pois é nesse período que ocorre o desenvolvimento inicial das funções psicológicas superiores, que são formadas a partir das interações sociais e da mediação simbólica (LEONTIEV, 1978). Segundo Leontiev (1978), a aprendizagem ocorre por meio da interação social, em que as crianças observam e imitam o comportamento de adultos e outras crianças (seus semelhantes), e também por meio da mediação assistida, que se dá por meio da utilização de símbolos e signos para compreender o mundo.

Leontiev (1978) também enfatiza a importância da brincadeira na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, pois permite que as crianças experimentem diferentes papéis sociais, utilizem a imaginação e a criatividade, além de interagirem com outras crianças. Assim, a brincadeira é vista como uma atividade essencial para o desenvolvimento cognitivo e social na primeira infância (LEONTIEV, 1978). Contudo, a linguagem é vista como um aspecto central no processo de aprendizagem na primeira infância, uma vez que é por meio da linguagem que as crianças podem comunicar e expressar seus pensamentos e emoções, ao adquirir conhecimentos a partir das interações sociais.

2.2 RELEITURA HISTÓRICO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Assim como destaca Orrú (2017), o autismo é um transtorno complexo e heterogêneo que se manifesta por uma tríade de sintomas: dificuldade na interação social, dificuldade na comunicação verbal e não verbal e comportamentos repetitivos e restritos. A autora ainda destaca que a maioria dos casos de autismo é diagnosticada durante a primeira infância, embora possa ser diagnosticada em qualquer idade (ORRÚ, 2017).

Em 1943, o psiquiatra americano Leo Kanner publicou um artigo descrevendo 11 crianças que apresentavam características comportamentais e sociais únicas, que mais tarde seriam identificadas como transtorno do espectro autista. Kanner descreveu os sintomas como "uma profunda falta de relacionamento afetivo com as pessoas" e uma "incapacidade de se relacionar com pessoas e situações". Por fim, o estudo de Hans Asperger, como citado por Orrú (2017), descreveu uma síndrome que incluía falta de empatia, dificuldade em estabelecer amizades, foco em áreas de interesse específicas e dificuldades motoras, ao caracterizar um transtorno que hoje é conhecido como Síndrome de Asperger

Ao longo dos anos 60 e 70, houve um aumento na pesquisa sobre o autismo e o desenvolvimento da compreensão do transtorno. Em 1966, a psiquiatra inglesa Lorna Wing cunhou o termo "espectro autista" para descrever uma ampla gama de sintomas associados ao transtorno. Segundo Azevedo (2011), essa ampliação do conceito foi importante, pois permitiu a compreensão do autismo como um "processo" contínuo, com diferentes graus de comprometimento e diferentes perfis sintomáticos. Wling foi a primeira pessoa a apresentar a tríade dos sintomas característicos do espectro autista, sendo eles: modificações na sociabilidade do indivíduo, comunicação/linguagem e padrão de comportamento modificado. Além disso, ressaltou que os sintomas podem se manifestar em diferentes níveis de intensidade, ao gerar diferentes manifestações da condição.

Em 1980, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III) da Associação Americana de Psiquiatria incluiu o transtorno autista como uma categoria diagnóstica separada, classificando o "autismo infantil" dentro da categoria dos "Transtornos Globais de Desenvolvimento" - TGD. De acordo com Oliveira et al. (2016), essa definição mais precisa permitiu uma maior compreensão e estudos sobre a prevalência e as características do transtorno.

Nos anos 90 e 2000, houve um grande avanço na pesquisa do cérebro e genética relacionada ao autismo. Em 1998, o pesquisador britânico Andrew Wakefield publicou um estudo que sugeria uma relação entre a vacina tríplice viral e o autismo, o que levou a um aumento do movimento antivacina. No entanto, o estudo foi posteriormente “desacreditado” e retirado de publicação. Desde então, uma pesquisa sobre a genética do autismo tem se intensificado. Um estudo de 2019 publicado na revista *Molecular Autism* indica que a evidência genética para o autismo é substancial, com uma contribuição herdável estimada em torno de 80% (Geschwind & State, 2019). Alguns estudos sugerem que o autismo pode estar relacionado a uma falta de conectividade neuronal e à disfunção imunológica. Segundo Sato (2019), essa relação com o sistema imunológico vem sendo estudada e pode indicar novas possibilidades de tratamento e intervenção no transtorno.

O conceito de autismo evoluiu ao longo dos anos, ao passar por diversas configurações e revisões, até chegar à versão atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), que define o transtorno do espectro autista como uma condição que se manifesta por dificuldades na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos.

Orrú (2019) destaca que o desenvolvimento do conceito de autismo foi influenciado por diversas teorias, como a psicanálise, o behaviorismo e a teoria da mente, que propõe que os indivíduos com autismo têm dificuldade em compreender os pensamentos, sentimentos e intenções dos outros. Essas teorias ajudaram a compreender algumas das características do autismo, como os comportamentos repetitivos e a dificuldade de comunicação social.

No entanto, Orrú (2019) enfatiza que é importante lembrar que o conceito de autismo é apenas uma construção social e que as definições e classificações podem mudar ao longo do tempo, de acordo com as necessidades e interesses da sociedade. É, ainda, importante ter em mente que os indivíduos com autismo são seres humanos únicos e complexos, com suas próprias habilidades, limitações e personalidades, e que cada um deve ser valorizado em sua singularidade.

O desenvolvimento de uma criança autista nos primeiros anos de vida é um tema de grande interesse e investigação na área do desenvolvimento infantil. Como destaca Azevedo (2019), é importante destacar que, apesar de terem algumas características em comum, cada indivíduo com autismo é único e apresenta uma combinação única de habilidades, dificuldades e necessidades. Uma das

características mais evidentes em crianças autistas é a presença de dificuldades na interação social e na comunicação. Segundo estudos como o de Dawson et al. (2004), crianças autistas apresentam menor frequência e duração de contato visual, menor resposta a estímulos sociais e menor iniciativa de interação social. Além disso, essas crianças podem ter dificuldade em compartilhar interesses e emoções com outras pessoas, bem como em compreender e expressar emoções.

Outra característica que pode ser observada em crianças autistas nos anos iniciais é a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. As aulas para crianças podem apresentar movimentos repetitivos, como balançar o corpo ou bater as mãos, bem como um interesse intenso e restrito por objetos ou atividades específicas. Além disso, também podemos destacar como características de crianças com o espectro autista a dificuldade em compreender e usar a linguagem; a hipersensibilidade a estímulos sensoriais; dificuldade com brincadeiras abstratas, imaginativas ou auditivas; resistência à mudança de rotina e comportamentos auto agressivos.

Como enfatiza Orrú (2019), o desenvolvimento da pessoa com autismo deve ser compreendido dentro de um contexto social e cultural. A autora destaca que é importante promover a inclusão social e educacional da pessoa com autismo, valorizando suas habilidades e contribuições únicas. Segundo o autor, a falta de acessibilidade e compreensão por parte da sociedade pode criar barreiras e obstáculos para a inclusão e a participação plena da pessoa com autismo. No entanto, é importante lembrar que cada criança autista é única e que pode apresentar uma variedade de características diferentes. Assim, a intervenção antecipada é primordial para melhorar os resultados de crianças autistas e muitas abordagens de intervenção têm sido desenvolvidas e experimentadas para contribuir a esse processo.

Vale destacar que os pais e cuidadores também têm um papel importante no desenvolvimento da criança autista. Eles devem estar envolvidos na terapia e na educação da criança e trabalhar em colaboração com os profissionais de saúde e educação. Os pais também devem ser informados sobre os direitos e recursos disponíveis para a criança autista, como programas de apoio e de inclusão escolar.

2.3 A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A inclusão do aluno autista nas séries iniciais da escola regular é um tema relevante e atual no campo da educação inclusiva. Segundo Damasceno (2019), a convivência com pessoas diferentes pode auxiliar no desenvolvimento socioemocional e na manutenção da perspectiva do mundo dos alunos sem deficiência, ao tornar a inclusão de alunos autistas na escola regular benéfica tanto para o aluno com TEA, quanto para os seus colegas.

A hipótese do neurônio espelho, proposta por Shiro (2019), sugere que a observação da ação de outras pessoas pode ativar em nosso cérebro os mesmos circuitos neurais que são ativados quando realizamos a ação por nós mesmos. Nesse sentido, a inclusão do aluno autista na escola regular pode proporcionar uma maior interação social e oportunidades de aprendizado, uma vez que a convivência com os colegas pode estimular a ativação dos neurônios espelho e facilitar a compreensão de suas ações e intenções.

No entanto, para que a inclusão seja efetiva, é necessário que haja uma preparação adequada por parte da escola e da equipe pedagógica. De acordo com Damasceno (2019), a falta de capacitação dos professores é um dos principais desafios para a inclusão do aluno autista na escola regular. É necessário que os professores estejam habilitados em relação às características do TEA, às estratégias pedagógicas adotadas e às possíveis metodologias curriculares que podem ser realizadas.

É importante que a escola esteja preparada para oferecer recursos e adaptações que facilitem o aprendizado e a interação social do aluno com o TEA. Isso pode incluir a disponibilização de recursos tecnológicos, como softwares educativos específicos para alunos com autismo, e a criação de um ambiente físico e sensorialmente adequado para o aluno, com espaços calmos e acolhedores que favoreçam a concentração e reduzam a sobrecarga sensorial. É fundamental que a escola esteja preparada para lidar com eventuais situações de conflito ou comportamentos desafiadores por parte do aluno com TEA, com estratégias adequadas que evitem a exclusão ou a estigmatização do aluno.

Com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) em 2015, tornou-se obrigatório o atendimento educacional especializado (AEE) para alunos com

deficiência, incluindo os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nas escolas regulares. A Lei n. 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 59, assegura que todas as escolas devem garantir aos seus alunos com deficiência um atendimento adequado, fornecendo recursos educativos, professores especializados, entre outros. Para a inclusão do aluno autista nas séries iniciais da escola regular, é necessário que haja um planejamento educacional individualizado (PEI), que deve ser elaborado pela equipe pedagógica da escola em conjunto com a família e outros profissionais da área da saúde, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos.

O PEI deve contemplar as necessidades específicas do aluno com TEA, identificando suas habilidades e dificuldades, e definindo as estratégias pedagógicas a serem utilizadas para que ele possa se desenvolver e participar das atividades escolares. É importante que o PEI seja flexível e controlado periodicamente, para que possa ser adaptado às necessidades do aluno ao longo do tempo.

Em relação às estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Vygotsky destaca que "o aprendizado não se desenvolve de forma isolada, mas sim em interação com outras pessoas e com o ambiente" (VYGOTSKY, 1984). Nesse sentido, a utilização de recursos visuais, como imagens e vídeos, e a adoção de estratégias de ensino reforçadas, como a divisão de tarefas em etapas menores, podem contribuir para uma interação mais efetiva entre o aluno autista e os demais alunos da sala de aula, ao favorecer, assim, o aprendizado.

Já Rego (1996) destaca que o professor é um mediador no processo de aprendizagem, ao ser responsável por promover situações desafiadoras e significativas para os alunos. Dessa forma, ao adotar estratégias de ensino que considerem as particularidades do TEA, o professor pode promover desafios adequados para o aluno autista, ao contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizado.

Nesse contexto, é importante que as escolas desenvolvam estratégias pedagógicas adequadas para a inclusão de alunos com TEA nas séries iniciais da escola regular. Além da utilização de recursos visuais e da adoção de estratégias de ensino reforçadas, é fundamental que a escola mantenha um ambiente físico adequado para o aluno com TEA, com recursos de acessibilidade e conforto. Além disso, a equipe pedagógica precisa estar capacitada para lidar com as

particularidades do TEA, como possíveis comportamentos agressivos, isso inclui, portanto, uma necessidade das instituições em investirem em formações continuadas aos seus docentes, uma vez que isso torna-se a realidade atual do ensino inclusivo.

Contudo, tanto Vygotsky quanto Rego destacam a importância da interação e mediação no processo de aprendizagem, ao reforçarem a necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas adequadas que considerem as particularidades do TEA e promovam o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. A utilização de recursos visuais, a adoção de estratégias de ensino reforçadas, a divisão de tarefas em etapas menores, a garantia de um ambiente físico adequado e a capacitação da equipe pedagógica são medidas fundamentais para o sucesso da inclusão escolar de alunos com TEA, o que contribui para uma interação mais efetiva entre o aluno autista e os demais alunos da sala de aula, respectivamente, contribuem também para os seus desenvolvimentos e aprendizado.

Algumas estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas na inclusão do aluno autista nas séries iniciais da escola regular incluem o uso de recursos visuais, como imagens e vídeos, de modo a facilitar a comunicação e a compreensão de conceitos; a utilização de rotinas e horários previsíveis para ajudar o aluno a se sentir seguro e organizado e a adoção de estratégias de ensino reforçadas, como a divisão de tarefas em etapas inferiores e mais simples.

A inclusão do aluno autista nas séries iniciais da escola regular é um desafio que requer preparação adequada por parte da escola e da equipe pedagógica, capacitação dos professores, elaboração de um PEI (Plano Educacional Individualizado) específico e colaboração entre escola, família e outros profissionais da área da saúde. Desse modo, a inclusão efetiva e de qualidade pode trazer benefícios não apenas para o aluno com TEA, mas também para seus colegas sem deficiência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O TRABALHO EDUCATIVO PARA A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS NO TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A psicologia histórico-cultural se baseia na teoria de Lev Vygotsky, que entendeu que a aprendizagem é um processo sociocultural e que o desenvolvimento humano é influenciado por essas relações. De acordo com essa teoria, a aprendizagem ocorre por meio da interação entre o indivíduo e o ambiente cultural em que ele está inserido.

No contexto da educação especial, o trabalho do professor deve estar focado em desenvolver as capacidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos, ao levar em consideração as suas necessidades e as suas particularidades individuais. O professor deve atuar como um mediador do processo de aprendizagem, ao promover a interação dos alunos com o ambiente cultural e social em que estão inseridos. Segundo Rossato e Constantino (2017) o profissional deve conseguir identificar as necessidades de seus alunos, do mesmo modo que suas potencialidades, desenvolvendo estratégias pedagógicas que auxiliam o desenvolvimento cognitivo, social e emocional deles.

Quando nos referimos a crianças com Transtorno do Espectro Autista o primeiro ponto a ser destacado é que o professor deve estar bem preparado para lidar com as particularidades de cada criança. É importante que ele desenvolva conhecimento sobre o transtorno e suas características, bem como as estratégias de intervenção adequadas para cada caso. É fundamental que o docente compreenda as dificuldades que podem estar presentes no processo de aprendizagem da criança com TEA e esteja disposto a adaptar as atividades e metodologias de ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno.

Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, a deficiência não é vista como uma limitação do indivíduo, mas como uma relação entre o indivíduo e o ambiente cultural em que está inserido. Os autores afirmam que “a deficiência deve ser entendida como uma relação que se estabelece entre o indivíduo e o meio em que vive” (Rossato e Constantino, 2017). Dessa forma, cabe ao professor compreender as dificuldades e potencialidades de cada aluno e criar estratégias pedagógicas que favoreçam seu desenvolvimento.

Para promover a inclusão dos alunos com deficiência no contexto escolar e social, o professor deve valorizar a diversidade e construir relações de respeito e solidariedade. Os autores destacam que a inclusão escolar é um processo que

implica o reconhecimento e a valorização da diversidade, além da construção de relações de respeito e solidariedade (Rossato e Constantino, 2016). Nesse sentido, é importante que o professor esteja atento aos aspectos culturais e sociais que permeiam a vida dos alunos e possam trabalhar em conjunto com a família e a comunidade para garantir uma educação inclusiva e de qualidade.

É importante, ainda, a criação de um ambiente seguro e acolhedor, que estimule a interação social, o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais e a comunicação. Para isso, é importante que o professor conheça as pessoas motivadas e interessadas da criança com TEA, para poder utilizar essas informações no planejamento de atividades que sejam emocionantes e motivadas. O uso de recursos visuais, como imagens e pictogramas, pode ser muito útil para auxiliar na comunicação e na compreensão das atividades propostas. Além disso, é fundamental que o docente esteja atento às necessidades sensoriais da criança com TEA, que podem variar de acordo com cada caso, ao procurar o ambiente escolar adaptado para atender a essas demandas.

Com base na teoria histórico-cultural, podemos compreender que o ser humano é um ser social e histórico, que se construiu a partir da sua interação com o ambiente cultural e social em que está inserido. Nesse sentido, a educação ocupa um papel central na construção do ser humano como sujeito social e histórico, pois é por meio dela que os indivíduos se apropriam da cultura produzida pela humanidade ao longo do tempo e se tornam capazes de transformar a realidade em que vivem.

Segundo Rossato e Constantino (2017), o trabalho educativo implica no processo de produção e apropriação da cultura, por meio da interação entre sujeito e ambiente cultural e social. Essa produção e apropriação de cultura acontecem por meio da mediação do professor, que atua como um agente catalisador do processo de construção do conhecimento, ao promover a interação entre os alunos e o ambiente cultural e social em que estão inseridos.

O trabalho educativo, portanto, não se limita à transmissão de conhecimentos, mas implica a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem. Para isso, é necessário que a educação seja concebida como um processo dialético, em que o conhecimento é construído a partir da interação entre sujeitos e do confronto de ideias. Dessa maneira, o trabalho educativo deve estar voltado para a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de atuar de forma responsável na sociedade.

É importante destacar que o trabalho educativo deve ser orientado pelo princípio da humanização, isto é, pela construção de relações sociais mais justas e igualitárias, pela valorização da diversidade e pela promoção da autonomia e da liberdade. Nesse sentido, é fundamental que a educação seja inclusiva e que valorize as diferenças culturais, étnicas, sociais e individuais dos alunos, garantindo o acesso de todos a uma educação de qualidade. Outro ponto importante é a parceria entre o professor e a família da criança com TEA. É importante que o docente esteja em contato frequente com a família para compartilhar informações sobre o progresso da criança, trocar ideias sobre estratégias de intervenção e ajustar as estratégias de ensino de acordo com as necessidades individuais da criança.

O lugar do trabalho educativo na humanização é fundamental, uma vez que é por meio dele que os indivíduos se constroem como seres sociais e históricos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem. Para tanto, é necessário que a educação seja feita como um processo dialético, orientada pelo princípio da humanização e da valorização da diversidade, garantindo uma formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de atuar de forma responsável na sociedade. Desse modo, o papel do professor na educação especial a partir da psicologia histórico-cultural deve estar voltado para o desenvolvimento integral dos alunos, levando em consideração suas necessidades e particularidades individuais, e promovendo a inclusão e a valorização da diversidade cultural e social. Para tanto, é necessário que o professor seja capaz de identificar as potencialidades de cada aluno, criar estratégias pedagógicas que favoreçam seu desenvolvimento e trabalhar em conjunto com a família e a comunidade para garantir uma educação inclusiva e de qualidade.

Dessa maneira, concluímos que a psicologia histórico-cultural entende a relação do trabalho educativo com as crianças no Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil como uma participante ativa no processo de aprendizagem, ao enfatizar a importância da intervenção individualizada, no qual deve-se adaptar o ambiente e as atividades para as necessidades da criança no TEA, proporcionando experiências agradáveis e positivas que contribuem para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Ao retomar a questão norteadora da pesquisa: como a psicologia histórico-cultural entende a relação do trabalho educativo com as crianças com

diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) na educação infantil? O estudo evidencia a importância da valorização da diversidade cultural e social, no qual reconhece que as crianças com TEA têm diferentes experiências e vivências que influenciam o seu desenvolvimento. Portanto, foi possível observar que o trabalho educativo com essas crianças na Educação Infantil deve levar em conta as particularidades cognitivas e emocionais da criança, bem como as características do ambiente social e cultural em que está inserida. Isso significa que as emoções que ocorrem entre a criança e os adultos e entre criança e outras crianças são fundamentais para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2009.

BRASÍLIA. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

BRUNER, J. **Culture and Human Development: A New Look**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CALVE, T. M., Rossler, J. H., & Silva, G. L. R. (2015). **A aprendizagem escolar e o sentido pessoal na Psicologia de A. N. Leontiev**. Revista Brasileira de Educação, 20(62), 587-604.

CENCI, A.; DAMIANI, M. F. **Desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural da Atividade em três gerações: Vygotsky, Leontiev e Engeström**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 23, p. 1-13, 2018.

COSTA, J. A. O. **A Hipótese dos Neurônio Espelho e o Transtorno do Espectro Autista: uma Análise à Luz da Psicologia Histórico-cultural**. 2019. 107 f. Dissertação (Bacharel em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Paranaíba.

Damasceno, A. R. (2019). **Políticas Públicas de Educação Inclusiva e o Público-Alvo da Educação Especial no Ensino Superior: Desafios e Perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019

DUARTES, A. E. P.; SOUSA, A. C.; CUNHA, A. L.; BRANDÃO, I. R. **Vygotsky: Suas Contribuições no Campo Educacional**. Anais VI CONEDU. Campina Grande, 2019. Disponível em: Acesso em: 24/09/2022.

GASPARIN, J. L. **Avaliação na Perspectiva Histórico-Crítica**. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, Curitiba, 2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1991. 173 p.

JORNAL DA UNESP. **Com número de diagnósticos em crescimento vertiginoso, o Transtorno do Espectro Autista ainda é desafio para a pesquisa neurológica.** São Paulo: UNESP, 15 fev. 2023. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/02/15/com-numero-de-diagnosticos-em-crescimento-vertiginoso-transtorno-do-espectro-autista-ainda-e-desafio-para-pesquisa-neurologica/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

LEONARDO, N. S. T.; BARROCO, S. M. S.; ROSSATO, S. P. M. **Educação Especial e Teoria Histórico-cultural.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2017. 217 p.

LEONTIEV, AN et al. **Aprendizagem e desenvolvimento: uma abordagem histórico-cultural.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LEONTIEV, Alexis N. **Uma contribuição para o desenvolvimento da psique infantil.** In: VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006.

LONGAREZI, A. M. ., & PUENTES, R. V. . (2021). Dmitry A. Leontiev: **Perspectivas e tensões no âmbito das psicologias histórico-culturais, com foco nas contribuições de Alexei N. Leontiev .** *Obutchénie. Revista De Didática E Psicologia Pedagógica,* 5(1), 232–242. <https://doi.org/10.14393/OBv5n1.a2021-60597>

MAIA, M. S. D.; JACOMELLI, M. K. **A Aprendizagem da Criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) Através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC.** Revista Psicologia & Saberes. v. 9, n. 18, 2020.

MANTOVANI, MF (2016). **A teoria histórico-cultural de Vygotsky: a importância da linguagem e do contexto para o desenvolvimento humano.** Revista Eletrônica de Educação, 10(2), 87-101.

MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D **Periodização Histórico-cultural do Desenvolvimento Psíquico: do Nascimento à Velhice.** 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2016. 13

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

PEREIRA, LV, & Marques, JF (2015). **O papel da escola na educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Revista Científica de Educação, 2(2), 109-125.

RODRIGUES, Giovane Tanaka dos Santos Moretti; NAKAGAWA, Kezia Sumico. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação especial: a atuação do psicólogo escolar**. 2021.

ROSSATO, Solange Pereira Marques; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. **O trabalho do professor na educação especial: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural**. In: Educação Especial e teoria histórico-cultural: contribuições para o desenvolvimento humano. LEONARDO, N. S. T.; BARROCO. S. M.; ROSSATO, S. P. M. 1. ed., p. 173-200, Curitiba: Appris, 2017.

ROSSATO, Solange Pereira Marques; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro; LEAL, Zaira Fátima de Rezende Gonzales. **A Exclusão Social e a Educação Escolar: Aspectos Relevantes para a Educação Especial**. In: Educação especial e teoria histórico-cultural: contribuições para o desenvolvimento humano. LEONARDO, N. S. T.; BARROCO. S. M.; ROSSATO, S. P. M. 1. ed., p. 64-86, Curitiba: Appris, 2017.

SANTOS, A. F.; ARAÚJO, R. L. S.; LIMA, M. S. **A Criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: Mediação do Professor para Favorecer o Potencial Cognitivo**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v. 2, 2019.

SILVA, A. K. A. **Pensamento, Linguagem e Aprendizagem: Reflexões sobre a Teoria Vigotskiana e a Formação Docente**. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. Curitiba, 2013.

SILVA, C. A.; SILVA, R. A.; ASFORA, R. **Práticas Pedagógicas Inclusivas com Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil**. 2015. 24 f. Monografia (Curso de Pedagogia) – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012

SILVA, FPD, & Maranhão, ECC (2018). **A importância da mediação pedagógica na educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Revista Educação Especial em Ação, 2(2), 31-42.

SOARES, Daniela Praça. **A CRIANÇA COM AUTISMO NA ESCOLA: possíveis caminhos para a inclusão**. 2019. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis-Mt, 2019.

TOZONI-REIS, M. F. C. **O Método Materialista Histórico e Dialético para a Pesquisa em Educação**. Revista Simbio-Logias, v. 12, n. 17, 2020.

VYGOTSKY, LS. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

VYGOTSKY, L. S., LURIA, A .R. e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.